

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ana Paula CAVALCANTE

“Olhai os Lírios do Campo”
Análise dos valores capitalistas presentes na obra

Trabalho Temático produzido para o
Curso de Graduação em Biblioteconomia
e Ciência da Informação

São Paulo
2009

1 INTRODUÇÃO

O capitalismo se caracteriza pela organização de um sistema econômico no qual os meios de produção (indústria) e distribuição (comércio) são de propriedade privada. Os que regem esse sistema são chamados capitalistas.

Há o conceito de que os capitalistas só visam ao lucro, exploram o trabalho alheio e incentivam o consumo. Entretanto, sua existência é sustentada por uma sociedade na qual as pessoas têm ânsia de possuir as coisas, ainda que essas coisas sejam dispensáveis a sua sobrevivência.

Para suprir essa pretensa necessidade das pessoas, os capitalistas podem se ater a argumentos como o seguinte:

Quem seria capaz de medir as necessidades de cada um? Se o organismo produtor é tal que os produtos estão em quantidade suficiente para que cada um possa consumir à sua vontade sem limitar o consumo dos outros, por que não dizem aqueles: dar a cada um segundo a sua vontade e não segundo as suas necessidades? (Marx, 1998, p.27)

Nas sociedades capitalistas é inculcado nas pessoas o sentimento de que “precisam possuir” muito para serem felizes. Essas pessoas passam, ainda que inconscientemente, a guiar suas vidas por valores capitalistas; a necessidade de ter sempre mais é fruto de um forte e constante sentimento de insatisfação.

Mas não é só essa necessidade de possuir que sustenta o sistema; uma sociedade estamental, isto é, dividida em classes, também favorece a exploração da mão-de-obra barata por parte do capitalista. Vale, no entanto, lembrar que essa divisão de classes, pode gerar conflitos entre as mesmas:

A luta pela existência aparece na sociedade humana sob a forma de guerra de classe entre si, e guerra de indivíduos entre eles próprios no seio da classe dominante, guerras suscitadas por interesses materiais. A guerra das classes criadas pelas relações econômicas das diversas épocas, é a que domina todo o movimento histórico e explica as diferentes fases da civilização. (Marx, 1998, p.29)

Em “Olhai os Lírios do Campo” alguns personagens refletem os valores capitalistas presentes na sociedade: *Eugênio*, constantemente atormentado pela sua necessidade de possuir mais para ser feliz; *Vicente Cintra*, a materialização do capitalista, com muitas empresas que geram o lucro que mantém o seu estilo de vida;

Filipe Lobo que, apesar de não empregar seu capital na indústria, dedica sua vida à construção de um edifício do qual pretende alugar as salas e obter lucro e *Acélio Castanho* que, embora seja um intelectual, seus valores são o que sustentam a sociedade capitalista, visto que acredita na divisão de classes.

Ao longo desta dissertação será analisado o modo como os valores capitalistas influem na vida dos referidos personagens.

2 EUGÊNIO

Eugênio é um homem marcado pelo sentimento de inferioridade, causado principalmente por sua convivência, desde criança, em ambientes que diferiam de sua realidade social; por isso, se deixou seduzir por uma vida de luxo e riqueza que a toda hora era estampada por seus companheiros como é evidenciado na seguinte passagem do romance:

(...) Na hora inesquecível que passara naquela casa, ouvindo sem compreender os sonetos que Alcebiades lhe lia com voz comovida, Eugênio se imaginava doutor e rico, dono duma residência como aquela. (...) Como Alcebiades devia ser feliz! (p.54)

Sendo uma pessoa constantemente insatisfeita com a vida, queria a todo custo subir, fugir da pobreza e mediocridade que o cercava, acreditando que somente saindo desse mundo seria feliz:

(...) Era só e infeliz. E essa permanente sensação de infelicidade, desconforto e insatisfação lhe irritava os nervos (...). Havia uma parte de seu ser – a maior, a mais forte e palpável – que se julgava vítima duma grande injustiça e que desejava ansiadamente subir, melhorar de condição social, fosse com fosse. (p.87)

Essa insatisfação se reflete até em sua vida profissional, pois não vê perspectiva alguma de glória exercendo medicina para os pobres. Escolhera a Medicina inspirado pelo trabalho dos grandes benfeitores da humanidade e também do Dr. Seixas, médico que Eugênio admirava desde menino, e que dedicou sua vida à assistência aos mais pobres.

Entretanto, ao tomar contato com a miséria de alguns lugares que visitava quando de sua breve atuação como repórter nos tempos de faculdade, passou a sentir

repugnância pelas pessoas que ali viviam e começou a se questionar se era aquela vida de abnegação que desejava.

A partir daí começou a alimentar o desejo de fugir à condição de pobreza e anonimato. A Medicina passou a ser para Eugênio uma forma de escapar daquele mundo que tanto desprezava, pois acreditou que apenas com o diploma conseguiria satisfazer a sua necessidade de mudar de vida, como se pode verificar em:

- Se tu soubesses como eu desejei este dia, este título. Se imaginasses como estou... (...).

(...)

- Sim, e que o título de doutor de certo modo acrescentasse alguma coisa a mim mesmo, me desse mais coragem... mais... mais... como é que vou dizer?... fizesse desaparecer esta sensação de inferioridade... (p.72)

Como o simples exercício da Medicina não preenchesse aquele desejo de mudança de vida, ao conhecer Eunice e perceber na moça a possibilidade de ascensão social que tanto desejava, Eugênio, mesmo sentindo-se dividido entre aquela e Olívia, decidiu-se por um casamento de conveniência, depositando nessa atitude suas esperanças de conseguir ser uma pessoa importante e ter a vida confortável que sempre sonhou. Não hesitou inclusive em confessar a Olívia suas verdadeiras intenções com o casamento: “- Eu não gosto dela, Olívia. O que te escrevi é a pura verdade. Só penso no meu futuro, na minha carreira.”. (p.132)

Todavia, mesmo com o casamento, Eugênio continuava com a sensação de insatisfação, de infelicidade. Sentia-se como um estranho naquele mundo de Eunice, preterido por todos por conta de sua origem, ou seja, permanecia o sentimento de inferioridade. Apesar de possuir um consultório em um endereço nobre, atendendo a uma clientela mais seleta, e de ocupar um cargo na fábrica de seu sogro, Eugênio tinha consciência de que de certa forma nada daquilo pertencia a ele, que não merecia estar ali:

(...) Porque todos ou quase todos sabiam da sua situação de inferioridade naquela firma. Não passava dum manequim, dum autômato que assinava papéis preparados pelos que realmente entendiam do negócio, pelos que trabalhavam de verdade mas que, no entanto, em questões de ordenado, se achavam muito abaixo dele. (p.155)

Ao reencontrar Olívia, após tantos anos de separação, e descobrir que tem uma filha com ela, Eugênio começa a reavaliar seus valores, a perceber que toda aquela

vida de luxo e riqueza com a qual tanto sonhou não lhe trouxe outra coisa senão infelicidade, e a acreditar que sua vida precisava ser preenchida por um objetivo maior e melhor do que apenas por necessidades materiais: “(...) A vida deve ter um sentido. Agora ele começa a adivinhar nela contornos mais lógicos, o princípio dum desenho nítido. Ser bom e ser forte na bondade, fugir à violência e à ambição desmedida (...)”. (p.173)

Diante dessa nova perspectiva, Eugênio consegue ter coragem de se libertar daquela vida cômoda que o sufocava, passando a trabalhar por sua conta, atendendo clientes mais simples e assumindo a responsabilidade de cuidar de sua filha.

Ao final, apesar das dificuldades materiais que enfrenta, Eugênio prossegue seu caminho de reconciliação consigo mesmo, e percebe que aos poucos começa a sentir uma estranha satisfação pessoal, satisfação essa que nunca sentira enquanto perdurava aquela ânsia de possuir coisas:

Eugênio se surpreendia a tomar pelos pacientes um interesse não só profissional como também humano. Era-lhe agradável ver que alguém de certo modo lhe pedia auxílio, precisava de seus serviços e que se lhe proporcionava a oportunidade de ser útil a outrem.

(...)

(...) Ia de alma limpa, com uma curiosa sensação de liberdade a inflar-lhe o peito. (p.207)

3 VICENTE CINTRA

Apesar de seu ar gentil, sempre prazeroso de se conviver, aspecto observado pelo próprio Eugênio: “(...) O velho Cintra gostava de fazer o papel do *gentleman* repousado e paternal.” (p.137), Cintra ainda era a figura do capitalista, ou seja, seus inúmeros negócios refletem uma das características dos valores capitalistas: a concentração de riquezas, como se pode ver em: “(...) Os dinheiros do velho Cintra. Fiação e Tecidos Cintra, Companhia Arroeira Cintra & Cia., Companhia Imobiliária Cintra...”. (p.124)

Interessante que o personagem Tulio Altamira também se refere a Cintra como a imagem do capitalista:

(...) - O quadro se chamaria: “O Perigo Vermelho”. O nosso amigo Cintra, sentado numa confortável cadeira fumando um charuto,

representará o capitalismo. (E notem que o charuto será um zepelim.) Um judeu, desses que vendem gravatas na rua, será o símbolo do perigo vermelho. Com a unha do dedo mínimo ele procurará raspar com uma bruta paciência o pé da cadeira do Cel. Cintra, com a perversa intenção de quebrá-la e fazer vir abaixo o capitalismo. (p.190)

Em Cintra também se observa a característica do capitalista que não pode deixar que nenhum evento pare o processo de produção que garante o seu lucro, como se evidencia no episódio do acidente que matou um operário na fábrica, em que o gerente, que devia seguir ordens superiores, diz: “- Mandem tocar de novo as máquinas – disse o gerente. – Não podemos ficar parados. Tempo é ouro.”. (p.157)

4 FILIPE LOBO

Filipe Lobo é o que se pode chamar de um mito da sociedade capitalista: aquela pessoa que do nada, com muito esforço e trabalho progride na vida. Essa perseverança de Filipe em construir seu “Megatério” é admirada e ao mesmo tempo criticada por Olívia:

Precisamos, portanto, de criaturas de boa vontade. E de homens fortes como esse teu amigo Filipe Lobo, que seria um campeão de nossa causa se orientasse a sua ambição, o seu ímpeto construtor e a sua coragem num sentido social e não apenas egoisticamente pessoal. (p.177)

À medida que progredia na vida, Filipe era mais e mais consumido por sua obsessão pelo “Megatério”, dedicava todo seu tempo a esse empreendimento, faltando-lhe tempo para ser humano, esquecendo-se inclusive da mulher e da filha.

Os valores capitalistas presentes em Filipe eram tão fortes que ele não se importaria em estar numa situação tida como não ética, desde que isso lhe rendesse recursos que poderia investir em mais empreendimentos, como se revela na seguinte passagem:

(...) Tu te lembras daquele dia em que te procurei para te fazer ver a loucura que tinhas cometido? (...) – Quis abrir-te os olhos. És moço, tens vida como o diabo pela frente, podias fazer coisas formidáveis com o dinheiro do Cintra. Só um fraco é que se importa com o que o povo pode dizer. Que é o povo? O povo é aquilo. (p.232)

Após redescobrir seus valores, Eugênio tenta abrir os olhos de Filipe para o modo como este estava conduzindo a sua vida: “- Nós somos homens, Filipe, e vivemos quase como máquinas. Essa ânsia de progredir, de acumular dinheiro, de construir faz a gente esquecer o que tem de humano.”. (p.233)

Mas para Filipe não existiam argumentos que justificassem uma mudança de atitude de sua parte. A manutenção de sua postura com relação à importância que dava a sua filha, acaba por contribuir de alguma forma para que aquela opte, ainda que induzida por Simão, por fazer um aborto. Eugênio inclusive atribui a Filipe essa responsabilidade:

(...) eu responsabilizo você e só você pelo que aconteceu, pelo que está acontecendo e pelo que... pelo que ainda vai acontecer... (...) – Dora tem razão. Você quer mais bem ao “Megatério” do que a ela. Abandonou-a para cuidar do seu arranha-céu. Porque é um vaidoso, um exibicionista, um sujeito desumano. Vá! Veja se agora o seu arranha-céu, o seu dinheiro e o seu renome podem remediar o mal que está feito, veja se... (p.290)

Ao que tudo indica, nem com a morte da filha Filipe reavalia seus valores, pois ele segue com seu projeto e inaugura o “Megatério”, com uma grande recepção com a presença de figuras ilustres. Não há nenhuma referência ao que a ausência de Dora naquele momento importante poderia causar em sua vida.

5 ACÉLIO CASTANHO

Desde sua juventude Acélio Castanho se destacava como um dos mais notáveis intelectuais da sociedade porto-alegrense. Admirador dos pensadores gregos, propôs-se inclusive a escrever um ensaio sobre a tragédia grega.

Influenciado por esses pensadores, especialmente Platão, acreditava na hierarquia, na divisão das classes da sociedade. (p.187)

Castanho tinha uma postura de advertência a respeito do papel dos capitalistas na defesa dos valores tradicionais das classes dominantes contra o avanço dos ideais comunistas, bem como da presença de judeus na sociedade; ele critica inclusive o não boicote desses capitalistas a esse tipo de cliente, pois aqueles só visam

ao lucro. É paradoxal esse pensamento de Castanho, visto que essa lógica do capitalismo é o que sustenta a classe da qual ele faz parte.

Ao final do romance, Castanho se une a Eunice e essa ligação, de algum modo, simboliza a união dos valores capitalistas dele e Cintra, pois sendo Eunice filha deste último, ela também se beneficia dos lucros gerados por seus negócios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos personagens de “Olhai os Lírios do Campo”, norteados pelos valores capitalistas, apenas Eugênio demonstrou ter uma real mudança de atitude.

Apesar de ter agido com falta de ética em inúmeras situações, visando suprir a sua necessidade de obter ganhos materiais, Eugênio conclui, graças às intervenções de Olívia, que nada disso poderia lhe trazer a felicidade que tanto desejava.

Consegue por fim libertar-se desse caminho de falsas ilusões e, de certa forma, encontra a paz.

Quanto a Vicente Cintra, nada parece abalá-lo. Contanto que ele obtenha lucro, nada merece uma preocupação a mais de sua parte; no acidente ocorrido em sua fábrica ele deixa claro que a ética não direciona sua vida; o que importa é o lucro. Ao pedir que Eugênio se encarregue das despesas com o enterro do operário falecido, ele demonstra aquela sua conhecida amabilidade passiva, pois afinal de contas ele é um *gentleman*.

No caso de Filipe Lobo, pode-se notar o mesmo comportamento de Cintra, haja vista a sua aparente indiferença à morte da filha, o que se pode deduzir pela manutenção do projeto do “Megatério” através do qual ele demonstra continuar a priorizar valores capitalistas.

Com Acélio Castanho o caso não é diferente, pois tudo indica que a sua crença na divisão de classes se mantém. O casamento com Eunice, que tem os mesmos valores que ele, contribuirá para reforçá-los.

Por fim, ao analisar tais casos, nota-se a semelhança desses comportamentos na maioria das pessoas, uma vez que, de uma forma ou de outra, ainda que inconscientemente, os valores capitalistas guiam nossas ações. A questão é: até que ponto se pode deixar que esses valores influam em nossas atitudes, tornando-as antiéticas?

O ser humano é capaz de conseguir esse equilíbrio de valores, mas essa atitude exigirá dele perseverança, coragem e a firme crença de que o cultivo de valores éticos, em oposição aos capitalistas, permitirá alcançar a satisfação e a felicidade que todos almejam.

REFERÊNCIAS

VERISSIMO, Érico. Olhai os Lírios do Campo. 74. ed. São Paulo: Globo, 1997.

MARX, Karl. O Capital: Edição Condensada. Tradução e condensação Gabriel Deville. São Paulo: EDIPRO, 1998. (Série Clássicos).